

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLV



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2024

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

O presente tomo das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras* reúne as comunicações apresentadas nas sessões académicas da Classe de Letras nos anos de 2016 e 2017.

Título: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa
Classe de Letras
Tomo XLV

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Impressão: Gráfica 99

Data de impressão: 2024

ISSN: 0378-116X

Depósito legal: 61370/92

DOI: <https://doi.org/10.58164/6ysv-f077>

Saudação a Eduardo Lourenço

JORGE GASPAR

Compete-me, por desígnio académico e na ordem natural das coisas das academias, a função de dar as boas vindas ao novo ocupante de uma das consagradas cadeiras, a que teve a última sagração através da académica Senhora Dona Agustina Bessa-Luís.

Ou seja, estou aqui investido de uma dupla função: saudador e pregoeiro. Pois, Mestre, siga-me por aqui e faça o favor de provar o seu novo assento.

Aqui tendes, ilustres confrades, senhoras e senhores, o nosso grande Eduardo Lourenço, um nome maior da cultura portuguesa.

Filósofo, professor e ensaísta, intelectual e pensador, Eduardo Lourenço tem feito um percurso singular, extenso e original, que lhe confere individualidade no panorama cultural da Europa contemporânea. Nasceu em 1923 em São Pedro de Rio Seco, no concelho de Almeida. Licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas na Universidade de Coimbra, onde foi assistente. Seguiu-se uma carreira docente internacional, que passou pelas universidades de Hamburgo, Heidelberg, Montpellier, Federal da Baía, Grenoble e Nice, onde viria a jubilar-se em 1989.

Publicou mais de três dezenas de livros, dos quais uma terça parte conheceu edições noutras línguas além do Português: francês, espanhol, italiano, inglês, alemão, checo, sérvio, húngaro.

Ao longo de mais de setenta anos (1943–...), entre artigos, capítulos de livros e prefácios, publicou para lá dos 600 títulos, além de entrevistas e mesas redondas. Acresce existir ainda um número de escritos inéditos, que vão conhecendo os prelos através da publicação das obras completas em curso na Fundação Calouste Gulbenkian. Por outro lado, dezenas de autores, incluindo nomes fundamentais da cultura portuguesa contemporânea, escreveram e publicaram sobre a obra de Eduardo Lourenço.

A obra de Eduardo Lourenço é extensa a perder de vista, “tão grande como uma paisagem ao longe”, na fantástica expressão de Clarice Lispector, e recobre várias tipologias, sendo que o ensaio é a mais recorrente, como o próprio

reconhece e por isso saúda e enaltece os territórios de Montaigne. Todavia, embora de forma menos explícita, também podemos ver a obra de Eduardo Lourenço organizada numa sequência de diálogos, não tanto no formato clássico, mas no conteúdo, no habitual e continuado posicionamento de Eduardo Lourenço, em que estabelece espaços dialogantes entre inúmeros parceiros (filósofos, escritores, artistas, políticos), contemporâneos e de todos os tempos.

São muitas as entradas para a obra de Eduardo Lourenço, uma possível é a do L de local: um itinerário continuamente feito e acrescentado, do local para o global — um global feito de múltiplas visitas locais. Um global sobre o qual Eduardo Lourenço tem muitas dúvidas, mormente no plano cultural, pois “uma *World culture* não é a cultura de ninguém”, apenas permitiu que se chegasse à *Disnaylandia planetária*.

E tudo começou/começa em São Pedro de Rio Seco, um topónimo com ressonâncias épicas, cervantinas, digno de uma *fundação* a marcar o percurso *del Camino Real*.

Nas terras novas de Ribacoa, que o bom rei Dinis soube trazer para Portugal, terras de falas diferentes, terras de pontes, no espaço e no tempo, onde os nomes dos lugares ajudam a escavar muita da História e da Cultura embebidas no território: Calçada, Castelo Mendo, Cinco Vilas, São Pedro de Rio Seco. *Embebido*, um conceito caro a Eduardo Lourenço, um termo que também é relevado pelos geógrafos.

Ora a Geografia, os geógrafos, percorrem, *embebedos*, a obra de Eduardo Lourenço, que a descobre noutras paragens, como em Fernando Pessoa “perito em *geografia simbólica*” (*Mitologia da Saudade*).

Das geografias da *Terra*, por onde começou, nos seus poemas de juventude, às geografias do Corpo que ocorrem dispersas e fragmentadas nalguns dos seus ensaios.

Toda a obra de Eduardo Lourenço é referenciada no tempo e no espaço, desenhando um atlas com aberturas para múltiplos territórios, que acabam por desenhar as geografias do espírito.

Mas prevalecem as geografias de viagens, da viagem, que são como que o destino de quem nasce na raia: de São Pedro de Rio Seco à procura do Mundo, ou o Mundo à procura de São Pedro de Rio Seco, de Eduardo Lourenço.

Eduardo Lourenço viaja através do Portugal Contemporâneo e a sua obra define as grandes etapas dessa viagem.

1. A Ditadura e as estratégias de denúncias e sobrevivências, ainda que por interpostas causas e pessoas: VÉRTICE, neorealismo, Fernando Namora. As Heterodoxias (I e II) contêm a síntese desse período/dessa função.

O fim do Estado Novo é narrado através da ajuda de Fernando Pessoa e de outros poetas, como de resto fez grande parte do País: de 1962 a 1974 é também tempo de poesia, da paixão dos portugueses pela poesia, pela canção, cujo caudal engrossava à medida que o regime ia fenecendo, até desaguar/“desembarcar no Rossio”.

2. O 25 de Abril, os Militares e o Portugal Renovado

1975 – *Os militares e o poder*

1976 – *A situação africana e a Consciência Nacional*

1976 – *O fascismo nunca existiu*

1978 – *O labirinto da saudade*

1979 – *O complexo de Marx*

Para o final deste período volta a Pessoa, à poesia, aos poetas e às artes.

E a síntese ocorre em 1986 com o notável “Fernando Pessoa, Rei da Nossa Baviera”.

3. Portugal e a Europa/Portugal na Europa

1988 – *Nós e a Europa ou as duas razões*

1994 – *A Europa desencantada. Para uma mitologia europeia*

Um dos temas que atravessa estas etapas e permanece com grande atualidade é a leitura da questão colonial/pós colonial, evidenciando uma continuidade e “atualização”, patente na publicação de 2014, em que retoma textos que vão de 1958 a 2003: *Do Colonialismo como nosso impensado* que, como escreveu uma recenseadora, se revela “um surpreendente pensador anticolonial” ou, ainda segundo a mesma autora, “um forte desconstrutor da mitologia colonial na qual o Portugal contemporâneo se encontra alicerçado”. (Catarina Laranjeiro, R.C.C.S., 2015).

O relacionamento com a Europa começa por se fazer na oposição entre o *lado de cá* e o de lá, que só se poderia traduzir em expectativas de melhores dias, de redenção: mas entre dois lados!

Algumas dúvidas, descrenças e desencantamentos com a outra Europa, resultado de uma visão a partir de dentro, que por isso são já um sinal de integração: *nós na Europa*, nós com a Europa.

Resumindo: Eduardo Lourenço é o *grand témoin* do Portugal Contemporâneo, das suas raízes republicanas, do Estado Novo, do Portugal do 25 de Abril ao Portugal com a Europa “como destino”, ao Portugal no limiar do Futuro. Por isso é também historiador e arqueólogo, além de psicanalista do seu destino. Mas é sobretudo o cronista, o novo Fernão Lopes.

Eduardo Lourenço representa-se também por um certo número de palavras-chave, que ele trabalha e aprofunda, que ficam suspensas como pontes para outros espaços.

Em Eduardo Lourenço são (sobretudo) as palavras que se encadeiam, em discursos relacionais, que nos evocam transes oraculares: saudade, memória, tristeza, destino... que nos transportam para as referências de Antero, de Pessoa, de Cesário, de Wagner, de Schopenhauer, de Kleist.

Ainda palavras-chave como *Arquivo*, *Atlas*, *Arquipélago*, *Ilhas*: fragmentos sequenciais, cenas de um grande filme, cenas da vida de um País, cenas da vida de um Continente — Europa. E nós vamos assistindo..., já lá vão mais de $\frac{3}{4}$ de século, a olhar, a ler e a pensar os lugares e os tempos, as pessoas e as terras, as culturas e a cultura.

Todos estes registos convergem na palavra *partilhar* — outra palavra-chave na herança de Eduardo Lourenço: de facto, é uma vida de partilha, das suas reflexões e particularmente das suas *vivências* (no sentido que Ortega y Gasset, o criador, deu ao termo), que teve o cuidado de anotar, numa folha solta, numa *agenda* e que guardou para um dia serem partilhadas.

Espírito inquieto, “curiosidade insaciável”, homem sereno e afável, bem-humorado, *en toute simplicité*; mas dotado de múltiplas habilidades, plurifuncional, inclusive para o desempenho de cargos institucionais; lembremos duas funções que desempenha no momento actual: membro do Conselho de Estado e administrador não executivo da Fundação Calouste Gulbenkian. A propósito atente-mos no testemunho de Emílio Rui Vilar:

“Pessoal e institucionalmente quero exprimir-lhe profundo reconhecimento por ter aceite o convite que, em 2002, lhe dirigi para ser administrador não executivo da Fundação e o contributo do seu avisado conselho e da sua iluminada opinião. Obra também, mas que, porque não escrita, não figuraria sem esta menção nas suas *Obras Completas*.”

Há um multiplicador Eduardo Lourenço, que se poderá traduzir e explicar por uma matriz complexa de entradas e saídas e que resulta sobretudo da inspiração, da assimilação e da identificação que as suas obras provocam. Desde logo na produção científica, literária e artística, mas também na construção da(s) identidade(s): o Português de hoje vê em Eduardo Lourenço a personificação do País, do Portugal intemporal, no seu percurso nostálgico, do passado e do futuro. Um percurso que, ao mesmo tempo que instiga a prosseguir o aprofundamento, produz dor e conforto.

Mas Eduardo Lourenço é também um ativo para o desenvolvimento local, regional e nacional, acima de tudo pelo contributo para o reforço da coesão cultural e social, dos territórios e das gentes.

Leio em “A invenção da Filosofia como praxis cultural”: “De chofre, a Europa que ignorávamos, ou mal sonhávamos, entrou-nos em casa. E com ela, todas ou quase todas as “revoluções que tínhamos falhado ou nos tinham falhado. A maior de todas, ou condição de todas, ao menos virtualmente, a Revolução mesma, ou antes a irrupção desordenada, mas logo aspirada como um perfume desconhecido, da “Santa Liberdade”, como diziam, com quatro décadas de atraso, os nossos homens de 1820. Não era fatal, ou talvez o fosse, mas o que primeiro que se discutiu foi, embora timidamente, o estatuto religioso da Nação, o seu carácter orgânico de nação católica.” E, a propósito recorro a minha experiência de finais dos anos 1970 em Vila Cova à Coelheira, ali pelas *Terras do Demo*, também na Beira, mas uma Beira mais para dentro (ou para fora?), menos à beira (da fronteira), antiga vila de convívio entre cristãos e judeus, onde persistiu uma “Judiação” nome de *bairro*, em que o judaico se mantinha, na toponímia e no conteúdo — “Quem vive na Judiação? — Os Judeus...” respondeu-me lesto um miúdo. Pois o mais assombroso é que ali em Vila Cova à Coelheira, o primeiro casamento entre cristãos e judeus só se verificou depois do 25 de Abril de 1974!! Assim tomei nota como a *Revolução dos Cravos* resumia várias revoluções, nas cidades e nas aldeias.

Guilherme de Oliveira Martins, a propósito da *Utopia Europa* de Eduardo Lourenço, escreveu “Lourenço pensa Portugal como vontade e como comunidade plural de destinos e valores, pondo em diálogo os mitos e a razão e procurando afastar a maldição do atraso”... “Com sereno orgulho, Eduardo Lourenço é consciência crítica da cultura portuguesa, na linha de Herculano e de Antero — e uma das consciências culturais, morais e cívicas da Europa contemporânea, ao lado de Edgar Morin, de Claudio Magris ou Jürgen Habermas. A utopia torna-se um horizonte de crítica e de exigência, e nunca uma fuga à realidade.” (G.O.M., J.L. 22/08/2011)

Querido confrade Eduardo Lourenço, a nossa Academia, de que é membro de Honra, Honorário, está em estado de graça e festeja esta novíssima aparição, em que nos brindou com a sua palavra sábia e iluminante, desta vez projetada na obra de outra muito ilustre confrade, Agustina Bessa-Luís.

E em consequência vai ocupar um novo espaço, em parceria não só com a antecessora, mas também com Maria Amália Vaz de Carvalho e Manuel Alegre, outro autor e lavrador de Portugal, corpo e alma.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 1 DE SETEMBRO DE 2017)